

LIVRO DIDÁTICO E AS *POLÍTICAS PRÁTICAS* CURRICULARES COTIDIANAS NA RESISTÊNCIA ANTIRRACISTA¹

Fábio de Farias Soares – UFAC
ffabio.fariassoares@gmail.com

Rafael Marques Gonçalves – UFAC
rafamq02@gmail.com

INTRODUÇÃO

O livro didático (LD) constitui-se como um dos mais importantes materiais didáticos de apoio à prática didático-pedagógica de professoras e professores. É um artefato pedagógico e cultural que sintetiza, em linguagem acessível, práticas culturais e saberes científicos. Por essa razão, é tido como um “grande aliado” dos(as) professores(as). Por outro lado, também é material de consumo de estudantes, seja através de eventuais consultas ou como único referencial sistematizado de conhecimento. Em todo caso, o LD consiste em material didático, instrumento de trabalho do professor e do aluno, fundamental na mediação entre o ensino e a aprendizagem (BITTENCOURT, 2008).

A centralidade atribuída ao LD no cotidiano escolar se deve, em grande medida, ao crescimento de políticas públicas educacionais destinadas ao fornecimento de materiais didáticos às escolas públicas brasileiras, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Por consequência, a indústria do livro brasileiro se expandiu tendo no LD o seu principal segmento, o que movimenta anualmente cifras na casa dos milhões.

Mas o processo de definição de materiais didáticos utilizados na sala de aula não é simples. Como objeto cultural complexo, o LD envolve diversos sujeitos no seu processo de produção, circulação e consumo (BITTENCOURT, 2008). Além disso, também faz-se necessário considerar que livros e outros materiais didáticos não são objetos neutros e assépticos cuja finalidade esteja limitada apenas ao processo de ensino e aprendizagem, visto que, assim como

¹ Este trabalho é produto de projeto de pesquisa em desenvolvimento no interior do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Acre (PPGE/Ufac).

o currículo, estes resultam de disputas de poder que definem o que é tido como “conhecimento oficial”, assim como o que é “periférico”.

Nesse aspecto, livros didáticos, como uma das representações do texto curricular (SILVA, 2010), carregam valores e ideologias que muitas vezes podem (re)produzir formas de discriminação, preconceitos e estereótipos que corroborem com a perpetuação de desigualdades sociais, sobretudo no âmbito escolar.

Tendo isso em vista, Silva (2008) assevera que pesquisadores e ativistas do movimento social negro criticavam há décadas os discursos racistas nos livros didáticos brasileiros. Desde 1950 são publicadas no Brasil pesquisas sobre a presença de estereótipos raciais em livros didáticos, raramente manifestados de forma direta, hostil ou explícita.

Levando em consideração o que fora dito até o momento, esta pesquisa pretende-se responder ao seguinte questionamento: como a identidade étnico-racial está inserida nos livros didáticos de História, e quais os possíveis impactos nas *políticaspráticas* curriculares cotidianas?

Partindo da premissa que os estudos no/do/com os cotidianos convertem a realidade em permanente surpresa, insinuando-a, ao invés de possuir a posse desta, buscando entender o cotidiano para além de algo corriqueiro ou dia a dia, relacionado a um regime de rotinas que incluem hábitos ou costumes ordinários, este trabalho filia-se à concepção de Pais (2003), para quem o cotidiano é espaço de permanente produção e com potencial revelador de realidades enigmáticas, cujo guia é o desejo por descobertas. Uma vez que, são nas trivialidades cotidianas que as ações tornam-se fecundas, mesmo quando nada, aparentemente, se parece passar.

Neste trabalho, consideramos o currículo em seu aspecto amplo, tal qual Oliveira (2012), para quem currículo é “[...] tudo aquilo que se passa nas escolas, envolvendo os conteúdos formais de ensino, relações sociais, manifestações culturais e conjuntos de conhecimentos escolares [...]” (p. 3). Aqui assumimos currículo como uma prática em permanente elaboração, principalmente quando considerado em meio a complexidade da vida cotidiana.

Por fim, vale destacar a evidente relevância do LD na cultura escolar

devido as representações que este faz do mundo, da sociedade e das diferentes culturas (MUNAKATA, 2007). Tendo isso, este trabalho pretende contribuir com as discussões acerca das relações étnico-raciais tendo como foco o LD de História, sobretudo no que diz respeito as representações que este faz da identidade étnico-racial em seus conteúdos, textos e imagens. Trazer essas discussões à tona pode, além de contribuir com a produção científica no campo da educação, colaborar no combate ao racismo, em uma perspectiva de educação antirracista.

DESENVOLVIMENTO

Materiais didáticos contemplam uma vasta gama de ferramentas utilizadas como mediadoras do processo de aquisição de conhecimentos, dentre elas podemos citar desde as mais tradicionais como o giz e a lousa, até as atuais invenções tecnológicas que progressivamente adentram o ambiente escolar. Segundo Bittencourt (2008), instrumentos como livros didáticos pertencem ao setor da indústria cultural e são feitos especialmente para a escola com a intenção de comunicar saberes das disciplinas escolares.

Por essa razão, o LD aparenta situar-se em uma visão teórica mais tradicional de currículo – tendo em vista seu contexto de surgimento e estabelecimento na escola há pelo menos dois séculos (BITTENCOURT, 2008) – corporificado através dos conteúdos previstos nas orientações curriculares oficiais. No entanto, tanto currículo quanto LD estão além dessa interpretação. O texto curricular entendido de forma ampla, inclusive por meio dos livros didáticos (SILVA, 2010), depende dos usos que dele se faz, não se limitando a modelos preestabelecidos.

Assim, vemos emergir o currículo em seu contexto cotidiano onde é permanentemente pensado e praticado, ou melhor dizendo, *pensadopracicado*, uma vez que a prática é indissociável da teoria, tal qual a reflexão da ação (OLIVEIRA, 2012).

Nesse aspecto, os usos feitos do LD configuram-se também como produção curricular que, na maioria das vezes, pode ser incorporado de maneira diferente, por vezes contrárias à original.

O livro, a proposta didática e o texto curricular são os produtos impostos para serem consumidos, mas nas relações de uso, são incorporados, muitas vezes, de maneira contrária à original, ou seja, há uma invenção nas práticas do cotidiano que estabelece as formas como professores e alunos, nas escolas, vão se ajustando e reorganizando o discurso oficial, o material oficial, criando uma produção mais cotidiana, tornada invisível, aquela dos 'consumidores', e que 'marca o que fazem com os produtos'. (GONÇALVES, 2018b, p. 32-33)

Vale destacar, conforme afirma Silva (2010), que o currículo, em termos de representação racial, mantém diálogo com as marcas da herança colonial. Logo, este é um texto racialmente enviesado, e, portanto, envolvido em questões de conhecimento, poder e identidade.

Diante disso, neste trabalho adotamos de forma ressignificada o conceito de *currículo oculto* (SILVA, 2010) para discutirmos acerca das possibilidades de resistência através de estratégias locais de resolução dos problemas educacionais (OLIVEIRA, 2012) ligados ao racismo, por exemplo, através das múltiplas e infindáveis formas de uso do LD.

CONCLUSÃO

Para encerrar, ressaltamos que, pelo fato deste trabalho encontrar-se em andamento, considerações mais concretas encontram-se ausentes – embora não sejam o objetivo aqui –, estando sujeito a mudanças e outros aperfeiçoamentos. Ademais, o LD enquanto artefato pedagógico, cultural e curricular revela-se como uma possibilidade de luta antirracista através dos usos e consumos promovidos no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, C. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

GONÇALVES, R. M. Conversas sobre práticas e currículos entre professoras: artesanaria e maneiras de fazer o cotidiano escolar. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, p. 23-45, Ano 23, Edição Especial, dez. 2018b.

MUNAKATA, K. O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. S. (org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 137-147.

OLIVEIRA, I. B. Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos *pensadospraticados*. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1-22, ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10984> . Acesso em: 26 abr. 2021.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, P. V. B. **Racismo em livros didáticos: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SILVA, T. T. **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. – 3 ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2010.